

NOVOS OLHARES SOBRE O ESPORTE DA ESCOLA: O CASO DO ESPORTE COLETIVO

Adalberto Bento, Irene Conceição Andrade Rangel

RESUMO

O esporte coletivo vem sendo ensinado nas aulas de Educação Física escolar de forma a reproduzir alguns padrões do esporte de alto rendimento. Baseado em metodologias que se centram, ora no desenvolvimento isolado das técnicas, ora na prática do jogo formal desta ou daquela modalidade, este ensino tem gerado problemas no entendimento do jogo por parte dos alunos. Outro elemento a ser considerado refere-se a fatores como a exclusão, por vezes promovida pelas práticas repetitivas comuns a estas metodologias. Este estudo propõe a utilização de uma metodologia que, centrada nos determinantes internos que definem a prática do jogo, busca o desenvolvimento de elementos técnicos e táticos como elementos relacionados. Através da utilização de modelos de simplificação tática e solução de situações problema, permite o desenvolvimento do conhecimento necessário para se jogar bem. O objetivo foi verificar a existência ou não, de alterações significativas no entendimento dos determinantes do jogo e, conseqüentemente, na prática do mesmo por parte dos alunos, após a utilização da metodologia de Garganta (1995). Aplicada em duas escolas da rede estadual do município de Araras, interior de São Paulo, tal metodologia promoveu, nos alunos participantes, importantes alterações no entendimento do jogo em busca de soluções para os problemas impostos pelo mesmo. Trata-se de uma proposta a ser considerada, uma vez que permite a participação indistinta de todos, bem como o desenvolvimento do conhecimento do aluno sobre a modalidade em questão.

Palavras-chave: Educação Física; Esportes Coletivos; Compreensão.

ABSTRACT

The collective sport been taught in Physical Education classes at school to reproduce some standards of high interests. It's based on methodologies which are in the isolated development of techniques and in the practice of a formal game of this or that modality, this way of teaching has caused problems in the comprehension of game among students. Another fact to be considered refers to factors like exclusion caused by ordinary repetitive ways of these methodologies. This study offers the use of a methodology, which defines the practice of the game, it inquires the development of techniques and tactics elements like related elements. Through the use of models of tactic simplification an solution of problem situations, it allows the development of the necessary knowledge to play will. The objectives was to see the existence or not, the signification changes in the comprehension of the game and, consequently, in the practice of the game by the students, after the use of Garganta (1995) methodology. It was practised in two state schools from Araras-São Paulo, this methodology caused important changes in the comprehension of the game among students to get solutions for problems by it. It is about a suggestion to be considered carefully, once it allows an indistinct participation of everybody, as the development for the student comprehension about the modality discussed here.

Key-words: Physical Education, collective sports, comprehension.

INTRODUÇÃO

O presente artigo foi redigido com base na dissertação de mestrado intitulada "Rediscutindo o ensino do esporte coletivo na aula de Educação Física escolar" defendida na UNESP/ Rio Claro, estágio mais recente de nossos estudos em busca de uma adequação do ensino do esporte ao âmbito escolar. Os resultados obtidos confirmam a necessidade desta adequação metodológica para o ensino dos esportivos coletivos na aula de Educação Física no referido contexto (BENTO, 2003).

Atualmente reproduzido quase que da mesma forma ao longo das séries de escolarização, os esportes coletivos têm sido sub-utilizados no que se refere ao seu potencial educativo, uma vez que, tem na maioria das vezes se limitado às dimensões do lazer/recreação. Embora seja um aspecto desejável, temos atualmente a necessidade superar este modelo.

A análise dos dados da pesquisa foi baseada na teoria da Garganta (1995) que propõe, para o ensino dos esportes coletivos, a decomposição dos mesmos em estruturas as quais denominou

“unidades funcionais”. Para tanto, este mesmo autor, propõe o desenvolvimento do ensino através da observação e utilização de níveis de relação, onde os alunos estão em contato com a prática das modalidades de forma a privilegiar a manutenção de aspectos como aleatoriedade, imprevisibilidade e variedade de comportamentos (características dos esportes coletivos).

Com intuito de verificar as reais possibilidades da referida proposta na realidade da escola, foram desenvolvidas atividades que buscaram privilegiar aspectos relativos à solução de problemas de comunicação com colegas e contra- comunicação com adversários em simplificações de situações de jogo.

O estudo foi desenvolvido através da aplicação da teoria de Garganta (1995) em duas escolas públicas no município de Araras, interior de São Paulo, objetivando estabelecer relações entre o conhecimento adquirido sobre o jogo e a prática do mesmo pelos alunos. Os resultados estão adiante apontados.

DESCRIÇÃO METODOLÓGICA

Esta pesquisa foi de natureza qualitativa, enfatizando a compreensão dos alunos envolvidos a respeito dos esportes coletivos. Buscamos, através da mesma, identificar e analisar a compreensão dos alunos a respeito das diferentes situações propostas nas atividades práticas.

A proposta desenvolvida está centrada em possibilidades de simplificação tática, que privilegiam a identificação e o entendimento dos principais determinantes do jogo por parte dos alunos através da exploração de situações problema. As atividades foram desenvolvidas em quatro (04) turmas (duas em cada escola) compostas por, em média, trinta (30) alunos de ambos os sexos na faixa etária de 13 a 15 anos e matriculados no último ciclo do ensino fundamental.

Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas antes da aplicação das aulas a uma amostra de dez (10) alunos de cada turma, cinco (05) do sexo masculino e cinco (05) do sexo feminino, escolhidos aleatoriamente pela lista de chamada. Posteriormente, foram ministradas cinco (05) aulas duplas para as quatro referidas turmas. Tais aulas, uma para cada nível de relação proposto (eu-bola; au-bola-alvo; eu-bola-alvo-adversário; eu-bola-alvo-adversário-parceiro e eu-bola-alvo-adversários-parceiros), foram elaboradas com base na teoria de Garganta (1995) para o ensino dos esportes coletivos e ministradas sempre em período oposto ao das demais disciplinas. Terminada a intervenção foi repetido o mesmo processo de coleta de dados, anteriormente descrito a fim de verificar possíveis alterações no entendimento da dinâmica dos jogos por parte dos alunos.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Foram estabelecidos quatro padrões de resposta para a análise das respostas dos alunos. Para esta interpretação utilizamos: “resposta errada” – indicativo de entendimento falho da situação de jogo; “resposta intermediária 1” – indicativo de entendimento parcial (ruim); “resposta intermediária 2” – indicativo de entendimento parcial (bom) e “resposta esperada” – indicativo de um bom entendimento da situação de jogo.

Pudemos observar que em ambos os momentos de aplicação das entrevistas com os alunos, ou seja, antes e depois do desenvolvimento das aulas, foram apresentadas respostas em todos os níveis de entendimento. Assim, trazemos abaixo uma reflexão a partir das respostas dadas nos dois referidos momentos indicando as mudanças no quadro geral de entendimento do jogo por parte dos alunos envolvidos.

Um dos aspectos observados refere-se à possibilidade de retenção ou circulação da posse de bola em situação de jogo. Pretendemos, com a pergunta, conhecer a capacidade do aluno de analisar as possibilidades de seqüência do jogo bem como, o entendimento de sua participação quando, em situação de ataque, não tem a posse de bola.

Analisando este nível de relação (eu-bola), o quadro inicial indicou falhas no entendimento deste elemento na situação de jogo. Questionados sobre a função dos jogadores que, parte da equipe na ação ofensiva, não tem a posse de bola, dos vinte e cinco (25) alunos que concluíram a pesquisa, num primeiro momento, treze (13) apresentaram respostas equivocadas. Após a intervenção este número caiu para dez (10).

Referem-se a

“[...] tentar pegar a bola pra ganhar.” – Suj. 07

“Marcar. Marcar [...] marcar o parceiro.” – Suj. 08

De modo geral, entendem somente a defesa como oportunidade de participação ativa no jogo quando não estão com a bola. Ainda a respeito desta situação diferentes entendimentos parciais foram identificados. Inicialmente nove (09) e, num segundo momento, onze (11) alunos incluem-se neste grupo. Para os mesmos a função dos jogadores que não têm a posse de bola em situação de ataque é

“[...] ficar no canto e a gente pode tocar pra eles. Pelo menos eles fazem alguma coisa.” – Suj. 04

“[...] prestar atenção, ficar atento pra receber a bola.” – Suj. 13

Neste grupo, embora reconheçam a sua possibilidade de participação no ataque, entendem a mesma como sob influência ou controle indireto do participante com bola, o que é correto. Não percebem, no entanto, a importância de deslocarem-se buscando ocupar posições na quadra que potencializem o recebimento da bola, que os coloquem ativamente dentro da ação ofensiva.

Inicialmente apenas três (03) alunos indicaram um entendimento adequado de suas funções na referida situação. Num segundo momento este número passa para quatro (04).

“[...] os que estão no ataque devem se posicionar para poderem receber a bola.” – Suj. 19

“A função deles é ajudar na jogada de quem está com a bola dando apoio [...]” – Suj. 22

Em linhas gerais, poucas foram as mudanças de entendimento deste aspecto entre a primeira e a segunda entrevista.

Respondendo à questão: Quando você está com a posse de bola quais são as possibilidades de continuação do jogo? Pudemos observar mudanças mais significativas. Enquanto num primeiro momento apenas um (01) aluno apresentou um entendimento adequado da questão, após a intervenção este número subiu para seis (06). Dois (02) alunos não responderam a questão na primeira entrevista quando questionados sobre este aspecto. O número de alunos com um entendimento parcial da questão diminuiu de dezenove (19) para dezesseis (16) enquanto permaneceu inalterado o número de alunos que indicaram problemas de entendimento da situação, três (03). Estes últimos entendem como possibilidade de continuação do jogo.

“[...] posso chutar e fazer o gol.” – Suj. 06

“[...] jogar pro que esteja marcado, se não tiver marcado é mais fácil pro lance.” – Suj. 11

Tais respostas indicam, no nosso entendimento, uma possível dificuldade no controle do objeto de jogo. Desta forma, a opção pela solução de passar a bola ou concluir sem necessariamente considerar outros fatores como, por exemplo, a distância do alvo ou a busca de um parceiro livre de marcação, aparece em destaque.

Num segundo grupo incluem-se a maioria das respostas. Para estes

“Onde tiver um livre eu toco. Vou pra frente quando apertar eu toco pro livre.” – Suj. 07

“[...] eu vou pra frente e se não tiver ninguém livre eu vou pro ataque. Já se tiver um bem posicionado eu passo se tiver alguém me marcando.” – Suj. 18

Neste grupo, embora fique bastante evidente o entendimento das situações de retenção e circulação da bola, nota-se certa dificuldade em relação ao entendimento de um dos elementos do jogo. Trata-se da busca do objetivo. Poucas foram as referências, neste momento, em relação a chutar ou arremessar em direção ao objetivo como possibilidades de continuação do jogo.

Falando ainda sobre as possibilidades de continuidade do jogo quando estão com a posse de bola outros alunos parecem ter um entendimento melhor da questão.

“Eu vejo qual o caminho mais fácil pra chegar no gol do adversário se é melhor eu tocar ou driblar ou se dá pra chutar.” – Suj. 10

“Chutaria pro gol ou arremessaria. Veria se alguém estivesse em melhores condições.” – Suj. 15

Cabe destacar, além das possibilidades acima discutidas, a observação de alterações dentro do que, na análise, nos referimos como “entendimento parcial”. Desta forma, observamos que alguns alunos que inicialmente apresentaram respostas mais próximas do considerado erro de entendimento evoluíram para a apresentação de respostas mais próximas do esperado. Tais alterações não aparecem na análise dos números em geral.

Considerada a relação entre o praticante e o objeto de jogo partiremos agora para análise da percepção do aluno de um alvo a se atingir e os fatores a serem considerados na tentativa de fazê-lo.

A este respeito, quando questionados sobre o que levar em consideração antes de tentar atingir o gol ou a cesta (o alvo) o número de alunos que indicaram problemas de entendimento desta relação cai de seis (06) para cinco (05). Para estes é necessário considerar

“Muita confiança e treinar bastante” – Suj. 02

“Olhar para não só eu fazer o gol, mas o time, porque é errado os caras acharem que são melhores e ir em direção ao gol[...]” – Suj. 22

Neste grupo as questões pessoais interferem na resposta relacionada à busca do objetivo do jogo em si. No entanto, tais respostas nos alertam para um tratamento mais adequado dos fatores pessoais e psicológicos que envolvem a prática do jogo.

Parte do grupo intermediário, inicialmente quinze (15) e após a intervenção dezesseis (16) alunos consideram outros aspectos como elementos a se considerar antes da tentativa de buscar o ponto durante o jogo. Respondem:

“[...] eu vejo quem está livre pra tocar e tentar fazer o gol [...]” – Suj. 12

“Ver se o adversário estaria marcando e se tiver a possibilidade de passar a bola eu passo. Se não eu continuo o jogo sozinha.” – Suj. 24

Estes alunos incluem, na avaliação da situação, a possibilidade de um parceiro estar melhor posicionado para marcar o ponto e também a de estar, momentaneamente, impedido de fazê-lo devido a presença de um adversário. Não fazem referência, no entanto, a observação de uma posição na quadra que é, no nosso entendimento, um dos fatores fundamentais.

Quatro (04) outros alunos, porém, indicam entendimento mais desenvolvido em relação à busca do objetivo do jogo.

“Se eu não estou marcada, se a pessoa que eu vou passar a bola não esta marcada e se eu estou numa boa posição pra fazer a cesta ou acertar o gol.” – Suj. 01

“[...] o posicionamento dos adversários e de meus companheiros e a distância da meta.” – Suj. 20

Ainda analisando a relação do praticante com o objeto de jogo em busca do objetivo do mesmo quando questionados sobre qual o objetivo do jogo, várias respostas indicam dificuldade neste entendimento. Neste grupo varia de dezenove (19) para dez (10) o número alunos que, dentre outros aspectos, confundem o objetivo do jogo com os objetivos pessoais ou da equipe.

“Jogar. Se ganhar está bom, se perder também” – Suj. 13

“A vitória, mas também em um jogo você pode fazer novos amigos [...]” – Suj. 21

As respostas utilizadas no exemplo trazem, além da questão anteriormente discutida em relação à prática do jogo, importantes elementos a serem considerados no ensino dos esportes coletivos e por que não dizer nas aulas de Educação Física em geral.

O número de respostas dentro do grupo considerado de entendimento parcial aumenta de dois (02) para quatro(04). Enquanto varia de quatro (04) para onze (11) o grupo com um bom entendimento da questão. Estes últimos respondem como sendo o principal objetivo do jogo

“Tem que fazer o gol ou a cesta.” – Suj. 11

“Principal seria fazer o ponto.” – Suj. 24

O próximo elemento analisado refere-se ao fator que inicia as relações de jogo propriamente dito. Trata-se de, além das relações anteriores, considerar a presença de um adversário e elaborar soluções para problemas identificados na nova situação.

Questionados sobre as conseqüências da presença de um oponente para o jogo. Seis (06) alunos não responderam a pergunta na primeira entrevista. Daqueles que o fizeram, inicialmente três (03) e, num segundo momento, oito (08) alunos incluem-se no grupo com dificuldades de entendimento. Indicam que a presença de um adversário

“[...] é pra você prestar mais atenção no jogo e tentar arriscar a bola, chutar [...]” – Suj. 01

“Representa que você tem que jogar sério para ganhar o jogo porque com o adversário nenhuma vitória é fácil.” – Suj. 09

Nenhum destes entrevistados indicou entendimento do problema gerado pela presença do adversário em situação de jogo, a oposição em relação à busca do objetivo.

Em outro grupo quatorze (14) e posteriormente treze (13) alunos, um passo a frente no entendimento deste aspecto, descrevem a figura do adversário como sendo

“[...] tudo, porque se não, não tem como você jogar [...]” – Suj. 04

“É como se ele estivesse me ameaçando pegar a bola. Me impedindo de marcar o ponto.” – Suj. 16

Indicam, portanto, conhecer a relação de oposição que acontece no jogo. Mais do que isso, entendem que sem esta oposição a situação de jogo não se configura.

Dois (02) alunos entendem esta oposição como a busca de objetivos distintos no qual a função dos participantes se alternam um tenta sempre anular a ação do outro. Posteriormente este número aumentou para quatro (04). Respondem:

“Pra mim representa uma pessoa querendo roubar a bola para fazer o gol em você.” – Suj. 18

“Ele vai querer roubar a bola de mim pra tentar fazer a jogada dele. O que ele é pra mim é um obstáculo.” – Suj. 25

Considerando este aspecto solicitamos aos alunos entrevistados a apresentação de duas soluções para o problema gerado pela oposição exercida pelo adversário. Apenas um (01) dos entrevistados não respondeu inicialmente a questão. Muitas foram as respostas indicativas de um bom entendimento desta situação. Doze (12) alunos, número que permaneceu inalterado, encontram-se no grupo que apresentou a resposta esperada.

“Procuraria me livrar dele ou procuraria alguém melhor posicionado pra passar a bola [...]” – Suj. 15

“Posso tentar driblar ele pra marcar o ponto ou então tocar pra outro marcar.” – Suj. 25

Outras respostas indicadas, consideradas como parte do grupo de entendimento parcial, são a opinião de inicialmente dez (10) e, numa segunda análise, doze (12) alunos que consideram solução em situação de oposição:

“Tentar desviar e fazer o gol mesmo assim. Mesmo que tem gente pela frente eu sempre chuto pra fazer o gol.” – Suj. 05

“Eu toco ou finalizo a jogada.” – Suj. 18

Num terceiro grupo, reduzido de dois (02) para um (01) aluno indica elementos gerais e a conclusão em direção ao objetivo como solução para o problema proposto.

Discutidas as questões impostas pela presença de um adversário cabe analisarmos a elaboração das respostas dos alunos a partir da apresentação de um elemento facilitador. Um parceiro com o qual contar na busca do objetivo do jogo.

Questionados sobre as possibilidades representadas pela presença de um parceiro em situação de jogo, grande parte das respostas concentraram-se no grupo considerado de entendimento parcial. Cabe ainda destacar que, inicialmente, dezesseis (16) entre as dezenove (19) respostas incluídas neste grupo estão mais próximas da considerada resposta esperada. Esta proporção, após as aulas ministradas, passou para dezesseis (16) entre dezessete (17). Para estes alunos a presença de um parceiro

“Pode ajudar [...] eu posso chutar pra ele ou ele pode chutar a bola pra salvar o jogo.” – Suj. 16

“Se eu estou com a bola e tem gente me marcando eu passo a bola para o meu colega ou tento marcar o ponto. Passo a bola pro parceiro e tenho que ficar desmarcado pra ele passar a bola pra mim [...]” – Suj. 03

Para este grupo a presença do parceiro é visivelmente importante. Fazem referência a troca de passes em situação de dificuldade não identificando, no entanto, outras possibilidades de apoio pelo mesmo se não pelo passe ou recebimento da bola. Inicialmente quatro (04) e após a intervenção sete (07) alunos apresentam um entendimento mais completo da questão. Respondem:

“Ele pode receber a bola ou então obstruir o adversário.” – Suj. 20

“[...] tentar me ajudar. Pegar vindo de trás pra tentar receber a bola ou tentar afastar o adversário de mim.” – Suj. 25

Consideram, portanto, além da já referida possibilidade de troca de passes, o parceiro como alguém que pode, através de deslocamentos, provocar uma situação momentânea de superioridade numérica, um desequilíbrio na situação de marcação que poderá permitir êxito na busca do objetivo.

Inicialmente dois (02) alunos apresentaram respostas equivocadas a este respeito, número que diminui para apenas um (01).

Analisando ainda a presença deste parceiro, os alunos foram questionados a apresentar possibilidades de ação conjunta com o mesmo, desta vez em situação de igualdade numérica.

Mais uma vez a configuração das respostas foi semelhante. Todas as vinte e cinco (25) respostas obtidas na primeira entrevista incluem-se na faixa considerada de entendimento parcial do jogo. Em situação de dois contra dois (2X2) indicam com saída:

“Tocar a bola. O importante é tocar a bola” – Suj. 08

“Se ela estiver marcada tem que se livrar de quem ta marcando ela. Eu toco pra ela passo ou vou pro lado dela [...]” – Suj. 02

A referência principal nestas respostas é mais uma vez a troca de passes considerando, agora, o problema gerado por mais um adversário e os cuidados que esta situação impõe. Numa segunda análise dois (02) alunos deste grupo indicam uma evolução no entendimento da questão incluindo em suas respostas a possibilidade de realização do bloqueio dos adversários.

“[...] uma pode ir batendo bola até na cesta [...] ou a minha parceira impedir que alguém venha na minha direção.” – Suj. 17

“Fazer um passe tabelinha ou ela também deveria tirar o adversário de mim [...]” – Suj. 25

Ainda pensando em condições de igualdade numérica propusemos aos alunos participantes considerar uma situação de jogo com mais jogadores (parceiros e adversários). Último dos aspectos analisados representa a situação de jogo formal.

Mais uma vez há respostas em todos os níveis de entendimento considerados. Um primeiro grupo de alunos, considerado com problemas de entendimento, apresentaram as seguintes respostas para a questão: “O que representa pra você a presença de mais parceiros e adversários numa situação de jogo?”

“Não muda nada.” – Suj. 07

“Acho que o jogo fica mais difícil porque fica mais enrolado.” – Suj. 18

Neste grupo que variou de sete (07) para dois (02) alunos as respostas indicam uma dificuldade de leitura da situação de jogo devido ao aumento de possibilidades que a presença de mais participantes provoca. Indicam, em última instância, as dificuldades dos alunos no tratamento da situação de jogo formal.

Dentro do grupo considerado de entendimento parcial cujo número de alunos variou de treze (13) para dezesseis (16) trazem respostas como as seguintes:

“O jogo fica mais fácil tem mais possibilidade de fazer gol, tem mais gente pra tocar, mais gente pra se movimentar.” – Suj. 10

“[...] mais fácil. Fica mais fácil fazer o ponto com os mais parceiros.” – Suj. 13

Estes alunos entendem a presença de mais parceiros como fator facilitador das ações em busca do ponto, o que é correto. No entanto, ao contrário dos exemplos do próximo grupo, não fazem referência ao aumento de dificuldade causado pela oposição de mais adversários. Para a questão este subgrupo apresenta as seguintes respostas:

“[...] com mais gente o jogo fica mais difícil, porque tem mais gente para atrapalhar os que estão jogando.” – Suj. 17

“Acho que não muda muito, só atrapalha a hora de tocar pro parceiro.” – Suj. 12

Em um conjunto que variou de cinco (05) para sete (07) respostas outros alunos indicam possuírem um entendimento mais completo da situação. Para estes

“[...] mais parceiros seria mais ajuda pra competir e mais adversários seria mais obstáculos para tentar vencê-los.” – Suj. 25

“Tanto mais obstáculos para marcar o ponto quanto mais opções de ataque [...] tem mais possibilidades de jogo.” – Suj. 20

Entendem, portanto, a necessidade de consideração de ambos os aspectos, tanto o ofensivo quanto o defensivo.

CONCLUSÃO

O presente estudo permitiu a análise de aspectos relevantes para o desenvolvimento de aulas do conteúdo esporte na Educação Física escolar. O primeiro deles refere-se ao tratamento deste conteúdo de forma a permitir a apropriação de conhecimento a respeito da dinâmica destes esportes por parte dos alunos. O referido conteúdo constitui-se, nesta pesquisa, em uma oportunidade de transformação do esporte em saber escolar, relevante para a vida cotidiana dos alunos na busca de desenvolvimento das habilidades do jogo e objetivando permitir uma autonomia em relação à sua prática.

Durante a realização deste trabalho foram identificados e analisados aspectos fundamentais na relação de ensino e aprendizagem do esporte que permitiram mudanças no entendimento dos determinantes do jogo por parte dos alunos participantes. Tal desenvolvimento se deu através de intervenções que garantiram a explicitação de fatores que justificaram aos alunos “como”, “quando” e “porque” o conhecimento em questão é relevante, dando assim significado à suas ações.

A oportunidade de jogar para aprender deve ser entendida como elemento fundamental de aprendizagem. Este fator constitui mais uma importante confirmação de que o modelo, por ora utilizado, baseado no ensino de habilidades técnicas isoladas para utilização das mesmas em situação de jogo,

não é adequado nem ao desenvolvimento do jogo, nem as necessidades dos alunos. Trata-se, no entanto, de oportunizar aos alunos jogos que, adaptados ao universo de possibilidades dos mesmos (simplificação tática), possam efetivamente promover um desenvolvimento e entendimento da dinâmica do mesmo.

Os dados obtidos em nossa pesquisa indicam que a metodologia proposta por Garganta (1995) deve ser considerada na medida em que promoveu, em todos os aspectos de jogo (níveis de relação) analisados, o desenvolvimento da capacidade de análise do mesmo por parte dos alunos. Indicado em nossa análise, este desenvolvimento se deu de diferentes formas. Progressões de diferentes proporções foram observadas. No entanto, vale destacar o que consideramos fator fundamental. Trata-se de um indicativo que o conteúdo esporte tratado dentro desta metodologia constituiu-se num conhecimento a ser desenvolvido, apreendido, reconstruído pelos alunos.

Pretendemos com estas considerações contribuir para o entendimento e tratamento adequado do esporte, consideradas as características do mesmo e do ambiente onde se dá o seu ensino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTO, A. Rediscutindo o ensino do esporte coletivo nas aulas de Educação Física escolar. Dissertação de mestrado. Unesp. Rio Claro, 2003.

GARGANTA, J. Para uma teoria dos jogos esportivos coletivos. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Org.) **O ensino dos jogos desportivos**. 2ª. Edição. Porto, Universidade do Porto, 1995.